

Entrevista com Godofredo Neto

*Joelma Santana Siqueira (Universidade Federal de Viçosa)
Vivaldo Andrade dos Santos (Georgetown University)*



Fonte: Jornal Rascunho.

Godofredo de Oliveira Neto (Blumenau, Santa Catarina, 1951) é escritor e professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Completou os estudos secundários em sua cidade natal e, posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde iniciou os estudos em Direito e Letras. As viagens empreendidas pelo Brasil foram importantes para a composição de seus livros. Em 1973, transferiu-se para Paris, onde se diplomou em Altos Estudos Internacionais e

Gláuks: Revista de Letras e Artes – jul/dez 2020 – v. 20, n. 2

em Letras pela Sorbonne. Retornou ao Brasil em 1979 e ingressou, em 1980, como docente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de 21 livros, é romancista e contista premiado pelo Jabuti e integra o *Guia Conciso de Autores Brasileiros* publicados pela Biblioteca Nacional.

1. Prezado Godofredo Neto, somos muito gratos a você por nos conceder essa entrevista para o presente dossiê da Gláuks dedicado ao tema “A literatura brasileira no exterior”. Para iniciarmos, pedimos que nos fale sobre como é escrever e publicar literatura no Brasil.

A gente tem que lembrar que a literatura resiste a todas as grades que a impedem de voar. Não é nem relato da história, nem algo imortal, a literatura chega sempre em momentos importunos. Ela está em eterna mudança. Em eterno devir. Essa é a literatura com L maiúsculo. No Brasil, nação ainda em construção, como já apontava Euclides no *Os Sertões*, a questão temática formadora é fundamental. A tendência pela opção sobre temas é forte. A atual literatura afro-brasileira, por exemplo, vai nessa direção. E tem, no caso, toda a razão, ela vai servir para a libertação da metade da população brasileira a quem é há cinco séculos negado o palco iluminado. Publicar no Brasil é se situar diante dessas duas opções. As editoras se veem diante de um dilema mercadológico. Aquela com L maiúsculo, ou seja, pura arte, não vende quase nada, o mercado é diminuto. Nem os amigos dos autores nessa situação leem os livros dos colegas. É uma situação dramática. Vender hoje duzentos exemplares de um romance é uma festa. Em 50, talvez 2 vendam mais do que isso.

2. Você considera que há diferenças que mereçam ser destacadas entre a recepção que sua obra tem no Brasil e a que tem no exterior?

O romance *Menino oculto*, na quarta edição na França, foi comparado pela crítica à obra de Almodóvar no cinema. A alternância dos tempos verbais no livro, a interrupção da

narrativa por outro episódio, narrativa reencontrada páginas depois, nada disso complicou nem a crítica nem a vendagem. Aqui ele ficou restrito a uma crítica especializada, apesar de tirar segundo lugar num Jabuti com Hatoum, Rubem Fonseca, acho que Scliar e outros (Hatoum ficou em primeiro). Muita matéria publicada sobre o *Menino oculto* etc., mas do ponto de vista vendagem ficou na primeira edição. Na França se publicam milhares de obras de ficção anualmente, entre porcarias e obras excelentes. Há um público leitor mais vasto, daí cabem mais autores de diversos tipos. A criação de mercado leitor no Brasil é uma exigência para a independência nacional, me parece. Os famosos manuais, tipos de coletâneas de trechos de literatura nas escolas do Fundamental e do Médio do país todo, formavam um público leitor, mas acabaram extintos. Há décadas sou favorável a que voltem. A literatura brasileira é brilhante, não deve nada a ninguém, mas atinge um público absolutamente diminuto num país de 210 milhões de habitantes.

3. Qual a importância da tradução, sobretudo, para o escritor que escreve em português?

Tive uma experiência maravilhosa com o tradutor para o francês. A tradução para o búlgaro do *Ana e a margem do rio* me escapa, claro. Vi que Richard Roux, grande conhecedor do português do Brasil, às vezes, optou por construções que, à primeira vista, me intrigaram, mas logo consegui ver que ele tinha que optar por uma apreensão da escritura ligeiramente diferente. Em francês se diz de um jeito, em português outro, não tem escapatória. O escritor que está sendo traduzido tem que se adaptar e se convencer dessas diferenças. Às vezes, incomoda, mas é assim. Creio que a tradução para a divulgação da obra é fundamental. No meu caso, foi Paris. Paris é a cidade com mais publicações de autores estrangeiros no mundo, bem mais que Nova York ou Londres, por exemplo. Paul Auster ficou conhecido nos Estados Unidos depois de ser lançado em Paris. Veja, então, não é só para o autor brasileiro que as traduções no estrangeiro são importantes.

4. Quais são os desafios para ser publicado no exterior ou ser traduzido para outra língua?

Bem, acho que há vários fatores. Claro que a crítica positiva no país de origem é importante. Também as editoras poderosas. Algumas editoras brasileiras com bala na agulha negociam com editoras estrangeiras, seja nos Estados Unidos, seja em Londres, na Itália, na França etc. Tipo: eu compro o direito de publicação no Brasil de quatro livros publicados pela sua editora e você compra dois da minha editora, ok? É normal, os dois editores estão trabalhando. Há também os agentes literários que são importantes. Idem os contatos, sim. A tradução para o português por um escritor de uma obra contemporânea estabelece uma relação de amizade entre esses dois autores. Será útil para o futuro de ambos.

5. “Traduttore, traditore”. Como é ler sua obra traduzida para outro idioma? Destacaria algum exemplo?

Conheço mais o caso francês. Há excelentes tradutores do português para o francês na França, idem do italiano, do inglês, do espanhol etc. Os cursos de humanidades e de arte no país são muito fortes. Nas Letras formam-se profissionais de excelente nível e em grande número. Uma coisa puxa a outra. A tradução é uma atividade econômica florescente na França. O gigantismo da União Europeia, com dezenas de línguas oficiais em Bruxelas, reforçou consideravelmente esse mercado na área de literatura. Há erros às vezes constrangedores, claro, nas duas línguas, como em qualquer atividade.

6. Existe uma “literatura nacional”, presa a um país, a uma região, a uma língua?

Com a queda do muro de Berlim, houve, metaforicamente, a ascensão do indivíduo empreendedor, para quem não existem fronteiras, existe o lucro. As fronteiras passaram a ser um impedimento ao crescimento e a globalização se impôs para valer. A autoficção, termo inventado por Doubrovsky em 1977, quando na Europa já se vislumbrava o fim do império

soviético, e as chamadas escritas de si são, na nossa área, manifestações da vitória desse indivíduo. Não significa apoio à ideia, mas influência do pensamento sociopolítico. A literatura nacional, como a de um Graciliano dos anos trinta, a que falava do Brasil, a que fortalecia a identidade nacional, não tinha mais espaço, claro. Movimento que já começara com Clarice, que, visionária por conta da sua experiência de vida no exterior, já tocava no que ia se chamar por algum tempo o Pós-Modernismo. Clarice foi criticada porque não escrevia em cenários brasileiros, até que, já no final da vida, escreveu *A hora da estrela*, grande livro. Mas veja, os clariceanos puros não gostaram desse livro justamente por isso. Eu adoro. Agora, então, eram só as escritas de si. Mas, como o inevitável pêndulo, com o reforço identitário das ex-Repúblicas soviéticas e as independências e um nacionalismo crescente no mundo - *America first*, do Trump, me parece que a questão da identidade nacional volta à cena e literaturas preocupadas com esse tema ganharão relevo.

7. Seu fazer literário busca responder a alguma urgência presente na realidade social brasileira que você gostaria de destacar?

Vejo a minha obra como um todo. Um livro dialoga com o outro. Poderia ter recorrido a heterônimos, como Pessoa. Mas deixei o mesmo nome. Quero dizer com isso que os livros vão de recuperação histórica a narrativas contemporâneas em que há apenas compromisso da obra consigo mesma. Busco uma articulação social sem perder essa ideia estética. Antonio Candido se refere a essa perda de articulação da literatura brasileira, para ele uma das razões do seu abandono gradativo pelos leitores. Busco uma literatura humanista compromissada com o devir estético. No meu mais recente romance, *Esquisse*, trabalho sobretudo a preocupação da estética contemporânea. A curiosidade, que passo aqui em primeira mão, é que o *Esquisse* deve ser publicado em Paris em breve, antes de sair publicado no Brasil. O tradutor já está em fase final da *traditore*.